

Representações de “povo” e de “nação” durante as Copas de 1970 e de 1978 na mídia esportiva no Brasil e na Argentina

Marcos Maurício Alves da Silva (ESPM / PG - USP)

*“A essência de uma nação é que todos os indivíduos tenham muito em comum e, também, que tenham esquecido muitas coisas.”
Ernest Renan*

Introdução

A investigação que desenvolvemos no Doutorado trata da análise de comentários esportivos de revistas e jornais referentes às Copas do Mundo de 1970 e de 1978 nas quais Brasil e Argentina saíram respectivamente vitoriosos. É importante ressaltar que ambos os países viviam, na época, sob ditaduras, por isso analisamos, além dos enunciados da mídia, os enunciados oficiais e de difusão das ditaduras dos dois países. Nesse trabalho, partimos do conceito de *ethos* (Maingueneau: 2001, 2004, 2006, 2008), comparando sequências discursivas oficiais dos militares e da mídia, de forma a verificar se as discursividades dos dois países assemelham-se no que tange os *ethé* assumidos pelas ditaduras – em diferentes momentos, antes e durante as Copas do Mundo - e pela imprensa esportiva, quando o assunto é a Copa. Além disso, buscamos encontrar, nos enunciados analisados, aproximações nos discursos midiáticos dos dois países com relação à constituição discursiva de *povo* e *nação*.

Neste trabalho, temos o objetivo de analisar alguns enunciados da crônica esportiva publicados nas revistas **El Gráfico** (Argentina) e **Placar** (Brasil), no que diz respeito a como esta mídia representa o povo e de como seus enunciadores se colocam nesse discurso. A representação da nação nem sempre aparece de forma explícita nas sequências discursivas ditatoriais, no entanto, os enunciados sobre o povo ajudam a entender como se representam as nações nos dois países estudados.

Na primeira parte deste trabalho, apresentamos um recorte teórico sobre o *ethos*, que nos auxiliará nas análises dos textos selecionados. Na segunda, consideramos fragmentos de alguns discursos de Médici pronunciados um pouco antes e na época Copa do Mundo de 1970. Foi possível perceber, nesses discursos, que são assumidos alguns *ethe* que são incorporados pela mídia esportiva da

época. Na terceira, veremos como os presidentes dos dois países assumem o papel de “um cidadão mais”, representando-se como “do povo”, que sofre e vibra.

1. O *ethos*

Maingueneau (2001) chama de *ethos* a dimensão da cenografia na qual a voz do enunciador se associa a certa determinação do corpo e mostra que essa voz tem o poder de exprimir a interioridade do enunciador e de envolver o co-enunciador fisicamente. Segundo o autor, cada texto pode ainda ter vários *ethe* diferentes em momentos diferentes:

O *ethos* está, dessa maneira, vinculado ao exercício da palavra, ao papel que corresponde a seu discurso, e não ao indivíduo “real”, apreendido independentemente de seu desempenho oratório (...). (2001: p. 138)

Tal desempenho oratório não tem que ser necessariamente oral, pois todo texto tem sua “vocalização”, tem um enunciador, “uma origem enunciativa que atesta o que foi dito” (*idem*: 139). Para ampliar esse conceito de voz do texto, Maingueneau fala sobre o “tom” e que este pode ser empregado em todos os textos escritos. O tom de um texto não tem a ver necessariamente com o autor: é, antes de tudo, uma representação do enunciador que o co-enunciador deve construir por meio do que “ouve” do texto. A representação tem o papel de um fiador que possui uma corporalidade e um caráter; ambos com a intenção de dar ao co-enunciador marcas de como é o corpo e o caráter desse “tom”. Nesse processo, há ainda o fenômeno da *incorporação* (2006, p. 65), que é uma maneira pela qual o destinatário se apropria desse *ethos*; na incorporação, o destinatário assimila um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de relacionar-se com o mundo. A incorporação permite ainda a constituição de um corpo da comunidade imaginária dos que aderem ao mesmo discurso. Neste trabalho, procuramos mostrar como determinados discursos oficiais dos militares são incorporados pelos discursos da mídia.

Ainda segundo Maingueneau, “o *ethos* é uma noção discursiva; ele se constitui por meio do discurso, não é uma ‘imagem’ do locutor exterior à fala, (...) é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro” (*idem*: 63). Nos textos analisados, vemos que os discursos dos militares (neste caso Médici e

Videla) mostram-se com características muitas vezes similares.¹ Segundo Charaudeau (2006), o *ethos político* é o resultado de uma alquimia complexa feita de diversos traços pessoais, relacionando-se às expectativas vagas dos cidadãos, por meio de imaginários que atribuem valores positivos e negativos a essa maneira de ser. Esse autor vê ainda o *ethos* como um duplo imaginário corporal e moral, ou como um imaginário que se “corporifica”.

2. O *ethos* ditatorial no Brasil. Vozes que ecoam na construção da imagem do “ser brasileiro”

2.1 O Ethos de participação

Analisaremos agora alguns enunciados do presidente Médici pronunciados próximo ao período da Copa de 1970. Nem todos os discursos terão relação direta com o futebol, no entanto, percebemos que alguns dos *ethe* assumidos pelo presidente são incorporados pela mídia esportiva – e também não esportiva – que tem como tema o futebol e, sobretudo, a Copa do Mundo.

Em discurso intitulado *Visão do Nordeste*, por ocasião do encerramento da reunião do Conselho Deliberativo da SUDENE², Médici ressalta a importância da união de “todos os brasileiros” em prol de um bem comum:

E hoje, nesta cidade do Recife, perante Governadores e Ministros, pensando no povo, particularmente no povo nordestino, quero dizer que não me sinto com poderes e dons para fazer milagres, mas tenho firmeza, confiança e decisão para proclamar à Nação inteira que, com a ajuda de **todos os brasileiros** e com a ajuda de Deus, o Nordeste afinal haverá de mudar. (1971: p. 77)

Com relação ao povo, por um lado, Médici inicia seu discurso discorrendo a todos os brasileiros, depois particulariza, centrando-se no público alvo daquele momento, “o povo nordestino”. Médici coloca-se no papel – sempre confortador – de

¹ Em outros trabalhos realizados por nós foi possível entrever nos discursos militares e, conseqüentemente nos da mídia esportiva, alguns *ethe* que denominamos “*ethos* de paz”, “*ethos* de harmonia” além de outros.

² Pronunciado em Recife, em 6/6/1970. Alguns dos discursos de Médici aqui analisados foram extraídos do livro “A verdadeira Paz”, elaborado em 1971 pelo Departamento de Imprensa Nacional, reunindo os pronunciamentos do presidente de abril a outubro de 1970. Os enunciados não extraídos desse livro serão identificados no texto do trabalho.

um mais na multidão, sem poderes mágicos de resolver todos os problemas, e, por isso, conclama a união, pois só unidos, segundo ele, todos serão fortes.

Em outro discurso, desta vez no Palácio do Piratini, em 05 de março de 1970, Médici mostra a importância da união de todos os brasileiros:

Nem onisciente, nem onipotente, não poderá o governo (...) responder ao apelo que o bem público lhe dirige, a não ser com a **integral cooperação de todos** e de **cada um dos brasileiros**. (Médici. Em: INDUSKY, 1997: p. 99)

Podemos ver aqui que o discurso do presidente gera um efeito de união e de coletivo. O brasileiro é determinado linguisticamente por “**todos nós**” e “**cada um dos**”. Dessa maneira, assim como no discurso anterior, só a união de todos os brasileiros poderá resolver os problemas que o país enfrenta. O governo serve, segundo Médici, como intermediador entre o povo unido e a possibilidade de um país melhor.

Segundo Indursky (1997), nos enunciados de Médici, o termo *brasileiros* é sempre coletivo, pois os *brasileiros* que não são bons já foram excluídos dessa totalidade e deixam de ser *brasileiros*.

Em outro pronunciamento do presidente, no dia 01/05/1970, transmitido do Palácio das Laranjeiras para uma rede nacional de rádio e televisão, também podemos encontrar enunciados que tratam da união de todos os brasileiros. Vejamos:

Sempre que falo à Nação busco convocar **todas as consciências** para o grande esforço de realização de meu Governo, que é o de acelerar e antecipar o desenvolvimento brasileiro sem o qual a justiça social não pode prosperar. (1971: 37)

Ou ainda:

Não me canso de dizer que o Brasil fala hoje a linguagem da verdade. (...) Amadurecido, sofrido e realista, **o trabalhador brasileiro é hoje menos espectador e mais participante**. (*Idem*: 38)

Há, nessas seqüências discursivas, uma voz que conclama à participação. Médici tenta mostrar que fala a todos os brasileiros e que todos participam, da mesma forma, da construção do país; isso nos leva a constatar que há, em todos esses anunciados vistos, o que podemos chamar de **ethos de participação**.

Partindo agora para a mídia jornalística, encontramos, na revista *Placar* de 22/05/1970, o seguinte enunciado, na reportagem *Desabafo do moço que perdeu a paz: Tostão*:

O olho esquerdo de Tostão, ao sofrer nova hemorragia na quarta-feira da semana passada, dia 13, transformou-se outra vez em assunto nacional, preocupando você, Zagallo, Pelé, o Presidente Médici, o cartola João Havelange, todos os 90 milhões de técnicos espalhados pelo Brasil. (p. 2)

Aqui é possível observar que o texto coloca, numa seqüência, termos como *você, Zagalo, Pelé, o Presidente Médici, o cartola João Havelange e todos os 90 milhões de técnicos*. Dessa forma, o texto tenta atribuir a mesma importância tanto ao leitor (*você*) quanto ao técnico, aos jogadores, ao presidente e também inclui a participação de todos os brasileiros (*90 milhões de técnicos*). Portanto, conforme antecipamos no item 1 deste trabalho, parece haver aqui uma *incorporação* (Maingueneau: 2006, 2008), que permite a construção de um corpo da comunidade imaginária, ou seja, que *ethes* assumidos em um discurso passem a outros, construindo, dessa maneira, um discurso mais geral que, de alguma forma, parece permear muitos outros. Tanto nos discursos do presidente citados anteriormente quanto no texto de *Placar* sobre o Tostão, há um **ethos de participação**, uma tentativa de mostrar que todos os brasileiros estão unidos nos momentos de dor ou de glória. A parte final do enunciado de *Placar* acima também nos remete à mais popular canção brasileira alusiva à Copa de 70: com letra e música de Miguel Gustavo, *Pra frente Brasil* até hoje é lembrada como um símbolo do evento e tem como versos iniciais “Noventa milhões em ação, / pra frente Brasil do meu coração”. A expressão “90 milhões”, conforme mostrado, foi retomada de forma alusiva no texto de *Placar*, mostrando, discursivamente, que todos os brasileiros estão unidos, não só na felicidade que exalta a música, mas também na dor causada pela incerteza da recuperação do jogador Tostão.

1. A representação do povo nos discursos de Médici e em *Placar*

Como vimos no apartado anterior, o povo foi, durante o período do presidente Médici, constituído discursivamente como um todo que unido seria forte, poderia enfrentar todos os males e resolver os problemas do Brasil. No entanto, esse povo

(muitas vezes retomado como *todos nós, todos os brasileiros, todas as consciências* etc.) é alusivo a, pelo menos, duas esferas sociais diferentes.

Por um lado, aparece uma parte da sociedade na qual estão os segmentos da direita que protestaram em nome da nação³ e que são tratados, discursivamente, pelo presidente, como povo, ou seja, aqueles que apoiaram e deram origem à ditadura. Não se trata, nesse caso, do discurso do **povo**, mas do discurso presidencial que se faz passar por porta-voz da classe média brasileira e transforma, pelo menos por meio do discurso, essa classe média que apoiou o golpe de 64 em *todos os brasileiros*. Desse modo, o **povo** é, na verdade, denominado de *bom brasileiro*, pois é “dotado de reservas profundas de civismo” (Indursky, 1997: 108).

Por outro lado, estão os trabalhadores mostrados com a imagem de povo trabalhador, generoso, compreensivo e sofredor, sempre pronto ao sacrifício. Esse povo trabalhador do discurso militar é, segundo Indursky, um povo lastimado e que é conclamado por sua capacidade de sacrifício. (*idem*: p. 106)

O povo – também chamado de **classe trabalhadora** – é aquele que, por um lado, recebe um salário, mas também é aquele que é chamado para construir o país. Nesse sentido, no discurso militar destinado a esses trabalhadores, fica evidente que, ao se usar **povo**, o que se pretende é mostrar que, politicamente, esse povo nada sabe e que precisa de um tradutor que lhe mostre os acontecimentos do mundo político do país. Por exemplo, Médici diz: “Venho para falar ao povo a linguagem que o povo entende, a linguagem de homens na praça”. (*idem*: p. 108)

É possível ver essa dupla forma de enunciar o povo também em *Placar*, que, na edição de número 14, no dia 19 de junho de 1970, traz o seguinte texto:

O povo pula, ri, chora, morre: O Brasil ganhou!⁴

Quando o juiz Ferdinand Marschall, depois de um apito longo, ergueu os braços no estádio Jalisco, acabou o silêncio do Rio e o carnaval invadiu as ruas, mesmo contra a vontade da polícia, que na Zona sul – principalmente perto do Castelinho – jogou bombas de gás contra a multidão – moças e rapazes na maioria. (...)

³ Por exemplo, podemos lembrar a mobilização das mulheres de classe média que ficaria conhecida como a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”. Essas manifestações contaram, no dia 19 de março de 1964, em São Paulo, com cerca de 500 mil pessoas e, em 02 de abril do mesmo ano, no estado da Guanabara, com mais de um milhão de pessoas.

⁴ A matéria está numa página dupla. O título tem grande destaque na primeira das páginas. Usa letras vermelhas em caixa alta que ocupam quase a metade da página, o restante são as fotos da comemoração. Na segunda página, aparece o texto que usamos para a análise.

Logo depois do jogo, a cidade (São Paulo) teve uma hora de entusiasmo, com foguetes por todos os lados. Depois disso, só houve desfiles de carros pelas ruas, com poucas bandeiras, muita bebida, muitas brigas e pouca animação. A Rua Augusta foi o lugar que deu mais trabalho à polícia: rapazinhos ricos desfilavam em Mercedes, Impalas e jipes abertos, preocupando-se muito mais em criar confusão do que em comemorar. O povo não estava nas ruas.

Mas em Belo Horizonte o povo tomou conta das ruas. Quando a bandeira do Atlético se encontrou no ar com a do Cruzeiro parecia que a alegria do mineiro pela classificação do Brasil havia chegado ao fim, mas o que aconteceu foi o contrário: as torcidas esqueceram a rixa antiga e passaram a gritar pelo nome do Brasil e de Tostão. (p. 35)

Há, nesse trecho, uma série de denominações para o item lexical *povo*. Na primeira parte, a multidão (retomando o povo do título) é explicada como moças e rapazes. Nesse momento, a polícia parece ser o inimigo criado que tenta acabar com a ‘festa do povo’. Já em São Paulo, o povo parece ser diferente, pois se diz que as ruas estavam cheias, mas “o povo não estava nas ruas”. Esse último enunciado nos leva a duas perguntas diferentes. A primeira seria: pela descrição dada na reportagem, os que estavam na rua seriam da classe mais alta da sociedade; portanto, não são *povo*? E a segunda – mais próxima ao conceito que vimos de *brasileiro* na seção 2.1, como aquele que é bom e segue as regras pré-estabelecidas, uma vez que os maus foram excluídos e já não são brasileiros – seria: os que fazem baderna e confusão deixam de ser povo? A polícia, em São Paulo, diferentemente do que aconteceu no Rio, não parece ser o inimigo, mas uma instituição que tenta trazer a ordem para certo caos causado por arruaceiros.

O terceiro parágrafo do texto começa com uma conjunção adversativa (mas) contrapondo a falta de *povo* em São Paulo com o povo nas ruas de Minas Gerais. Em Belo Horizonte, as pessoas levavam bandeiras (ao contrário de São Paulo, onde eram poucas as bandeiras nas ruas) e uma possível briga foi logo transformada em festa com os gritos de ovação ao Brasil e a Tostão e com a união de todos os mineiros na grande festa pela vitória brasileira.

O enunciador do texto em nenhum momento se coloca como partícipe do povo⁵. O texto, em 3.^a pessoa, mostra certa distância do enunciador com a comemoração da vitória. Poderíamos dizer que, em parte, essa reportagem escapa do que falamos antes a respeito do ethos de participação, pois o enunciador não participa, no entanto, a festa, no final, ocorre devido à união de torcidas diferentes e

⁵ Essa reportagem de **Placar** escapa, em parte, do que falamos antes a respeito do *ethos* de participação, pois o enunciador não participa, mas a festa acontece, no final, pela união de torcidas diferentes e rivais que, por não brigarem e unirem suas bandeiras, passam a comemorar alegres a vitória.

rivais que, por não brigarem e unirem suas bandeiras, passam a comemorar alegres a vitória brasileira.

3. **A representação de si. Os presidentes mostrando-se como “mais um” na multidão**

Tanto o presidente Médici quanto o presidente Videla tentavam passar para a população, em seus discursos, um tom de pertencimento. Ambos queriam mostrar para a população que não eram especiais e sim “um mais” no meio da multidão. Durante o período da Copa, mostram-se como torcedores comuns que sofriam e vibravam como qualquer outro.

No discurso pronunciado por Médici logo após a vitória do Brasil no México, temos a seguinte sequência discursiva:

Na hora em que a Seleção Nacional de Futebol conquista definitivamente a Copa do Mundo após memorável campanha, na qual só enfrentou e venceu adversários do mais alto valor, desejo que todos vejam, no presidente da República, **um brasileiro igual a todos os brasileiros, como um homem comum, como um brasileiro** que, acima de todas as coisas, tem um imenso amor ao Brasil e uma crença inabalável nesse país e nesse povo, sinto-me profundamente feliz, pois nenhuma alegria é maior no meu coração do que a alegria de ver a felicidade de nosso povo, no sentimento da mais pura exaltação patriótica. (1971: 83)

O presidente parece querer mostrar não só a si mesmo como um participante mais do povo e como o que tem possibilidade de unir a todos –conforme vimos no *ethos* de participação –, mas também mostrar o quanto seu governo gera de possibilidades de harmonia entre todos e o desejo de união dos cidadãos brasileiros⁶. No texto de **Placar** (que vimos no ponto 2.1) intitulado *Desabafo do moço que perdeu a paz: Tostão*, o enunciador também quer mostrar o presidente como um mais na multidão, um cidadão igual a qualquer outro. Entrevê-se, dessa maneira, que o discurso presidencial de pertencimento ao povo é incorporado pela mídia esportiva da época.

Na Argentina, algo semelhante acontece. Na revista **El Gráfico Edición Extra**, de 23 de junho de 1978, na última página, ao lado de uma sequência de fotos de Agosti e Videla – a primeira com uma expressão de tensão e as demais com

⁶ Em outros enunciados de Médici, encontramos também o que denominamos **ethos de harmonia** que não será analisado neste trabalho.

expressões de felicidade, com os braços levantados, comemorando um dos gols – temos o seguinte texto, intitulado *El júbilo del presidente*:

Cuando al salir del estadio fue abordado por un periodista, comentó: “**Estuve en la cancha como un hincha más. Grité como cualquier otro ciudadano argentino y tengo ahora la misma, inmensa alegría...**” El teniente general Jorge Rafael Videla, presidente de la Nación, dio en su momento el respaldo necesario para que el Mundial fuera una realidad que mostrara -seriamente- la verdadera cara de nuestro país. Cuando el Campeonato se puso en marcha arrojó su aliento para que la Selección Nacional superara momentos críticos. Aquí está en el palco de honor de Rosario, junto al Brigadier Agosti; emocionándose con el juego y con los goles, acaso entonado con esa ovación que acompañó el anuncio de su presencia. Argentina ya está en la final de la Copa del Mundo. El teniente general Videla volverá el domingo a dar otra lección de humildad: **ser otra vez, nada más, que un hincha de la Selección...** (Grifos no original, p. 37)

Podemos ver que o presidente se mostra como um cidadão comum e que esse mesmo discurso é repetido pelo enunciador do texto, que, depois de agradecer-lo pela grande ajuda ao engrandecimento do país, para que a Argentina possa mostrar sua verdadeira cara ao mundo, coloca-o como mais um torcedor, igual a tantos outros torcedores argentinos.

Dessa maneira, podemos ver que tanto Médici quanto Videla se mostram como cidadãos comuns, como pessoas que estão torcendo, sofrendo e vibrando como outros torcedores brasileiros ou argentinos.

Considerações Finais

Neste trabalho, foi possível perceber como certos aspectos dos discursos militares, durante o período ditatorial próximo à Copa de 70, no Brasil, e de 78, na Argentina, são incorporados pela mídia esportiva.

Há uma clara ressonância de tons e vozes militares em textos que não estão ligados diretamente ao governo nem têm como seu principal foco a política da época. Isso nos mostra que o discurso militar exerce, embora de forma indireta, influência nos discursos jornalísticos sobre o futebol durante as Copas estudadas.

REFERÊNCIAS

- CHARAUDEAU, Patrick (2006): *O discurso político*. São Paulo: Contexto.
INDURSKY, Freda (1997): *A fala dos quartéis e as outras falas*. Campinas: Editora da UNICAMP.
MAINGUENEAU, Dominique e CHARAUDEAU, Patrick (2004): *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto.

MAINGUENEAU, Dominique (2001): *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez.

_____ (2006): *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola.

_____ (2008): A propósito do ethos. Em: MOTTA, Ana Raquel e SALGADO, Luciana (orgs.): *Ethos discursivo*, p: 11-29. São Paulo: Contexto.

MÉDICI, Emílio Garrastazu (1971): *A verdadeira paz*. Departamento de Imprensa Nacional, Secretaria de Imprensa da Presidência da República.